

Cláudio
Tadiello

um Pé na
boca
o vermelho
é sangue



*
Rodapé

um Pé na
boca
o vermelho
é sangue

Cláudio
Tadiello

um Pé na
boca
o vermelho
é sangue

GRUPO
D'PLÁCIDO



Rodapé



Belo Horizonte | **São Paulo**
Av. Brasil, 1843, | Av. Paulista, 2444,
Savassi, Belo Horizonte, MG | 8º andar, cj 82
Tel.: 31 3261 2801 | Bela Vista – São Paulo, SP
CEP 30140-007 | CEP 01310-933

WWW.EDITORADPLACIDO.COM.BR

Copyright © 2021, D'Plácido Editora.
Copyright © 2021, Cláudio Tadiello.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia do Grupo D'Plácido.

Editor Chefe Plácido Arraes

Editor Tales Leon de Marco

Produtora Editorial Bárbara Rodrigues

Capa, projeto gráfico Letícia Robini
(Foto por Leo Lara [modificada])

Diagramação Letícia Robini
(Imagens do acervo pessoal do autor)

*Revisão da língua portuguesa
e preparação de original* Maria Thereza da Silva Pinel

GRUPO
D'PLÁCIDO



*
Rodapé



Leve você mesmo as rosas,
e olhe-as bem de perto.

Dedico este livro ao povo brasileiro.

obrigado

*à editora D'Plácido pelo aceite da obra
especialmente ao amigo Plácido Arraes
pelo distinto acolhimento na editora
pelos cafés servidos em nossas conversas
garra, amor, respeito e profissionalismo
levo dessa empreitada junto a ti*

*ao leal amigo desde a infância
Flaviano Salvador de Castro
à minha irmã
Ana Paula Dias*

*também protagonistas nesta história
“Quem tem muitos amigos pode chegar à ruína,
mas existe amigo mais apegado que um irmão.”*

*à amiga
Adriana Zanetti
aos amigos
Hudson Couto Ferreira de Freitas
Jose Feliciano da Cunha Moretzsohn Quintão
Rodrigo de Oliveira Godinho
à minha esposa
Sara Pimenta Resende
à minha filha
Maria Resende Tadiello*

pelo incentivo e colaboração no aprimoramento do texto

obrigado

aos meus pais

Conceição e Marcos

pelo cuidado com a família

por me ensinarem valores como o altruísmo

ao meu filho João, à minha filha Maria e à minha esposa Sara

pela paz da nossa casa

pela vontade de estar com vocês

por terem me ensinado quase tudo o que sei sobre o outro

a respeitar as pessoas, o planeta, a vida

por terem me ensinado a dizer “Eu te amo!”

Sara é pessoa completa, alegre, inteligente, amável e guerreira

Maria se parece com ela

João puxou a mãe

não tenho pretensão de me igualar à força dessa gente

contento-me com a sorte que insiste em me acompanhar

Sumário

Carta do Feliciano.....	13
Carta ao leitor.....	15
<i>Capítulo Um</i> O centrão.....	19
<i>Capítulo Dois</i> Desbravando a cidade.....	29
<i>Capítulo Três</i> A tenra infância: à espreita com a psicanálise.....	43
<i>Capítulo Quatro</i> O IMACO.....	63
<i>Capítulo Cinco</i> Os anos 80 – Parte um: coração de estudante.....	75
<i>Capítulo Seis</i> Os anos 80 – Parte dois: beijo na boca.....	87
<i>Capítulo Sete</i> Os anos 80 – Parte três: namorando a filosofia.....	97

<i>Capítulo oito</i>	
O CEFET-MG: preterindo a sociologia.....	113
<i>Capítulo Nove</i>	
Filosofia de buteco e América Libre.....	119
<i>Capítulo Dez</i>	
UFMG.....	131
<i>Capítulo onze</i>	
Meio do caminho.....	151
<i>Capítulo Doze</i>	
O DNA de um povo.....	199
<i>Capítulo Treze</i>	
O país do futebol: o gol de honra e a roupa nova.....	213

Carta do Feliciano

Belo Horizonte, 15 de novembro de 2019

Caro amigo Cláudio,

A leitura do seu livro é uma viagem à minha infância e juventude, afinal, somos da mesma geração dos nascidos nos anos 70, vivemos sob o período militar, vimos o raiar da democracia, escutamos as mesmas músicas, frequentamos as mesmas baladas, vivemos as mesmas Copas e, hoje, com muito respeito, temos entendimentos políticos divergentes. Você teve uma origem mais simples que eu, garoto de zona Sul, mas talvez seja esse seu olhar humano, apresentado com muita delicadeza na obra, o laço que nos atrai e me faz considerar tanto a sua opinião.

A sua descrição do Centrão de Belo Horizonte, rica em detalhes, é perfeita. Em muitas situações, via-me andando junto a você pelas ruas da cidade, entrado no Cine Regina, vendo aqueles cartazes dos filmes em exibição, ricos em detalhes. Inclusive, te conhecendo melhor hoje, sofro profundamente a sua dor de não ter guardado um exemplar sequer. O mesmo aconteceu nos passeios de bike pelo Parque Municipal. Uma descrição deliciosa, percebe-se que você o conhecia detalhadamente. Lembro de matar aula no IEMG para andar de barco no lago do parque, era uma sensação mista de adrenalina, culpa e paz. Como você, também tenho ótimas lembranças da infância e juventude, foram momentos riquíssimos e o seu relato é um convite a essa viagem no tempo.

Não cabe, aqui, fazer o resumo do seu livro, mas sim tecer a minha impressão, certo? Começaria dizendo que o livro é a sua cara. Ao ler certas passagens, o via contando os casos numa roda de amigos, que terminavam com uma gargalhada de boca aberta. Você tem personalidade e o seu livro mostra isso com muita propriedade e coragem — às vezes extrapola, assim como o faz pessoalmente; sua marca característica. Há momentos de

reflexão, poesia, canção, além de histórias envolventes e divertidíssimas, a ponto de o leitor não acreditar. Também é de muita sensibilidade, como no jantal transportado da Itália, principalmente.

Mas, mesmo conhecendo bem o autor, somos sempre surpreendidos pela mescla de irreverência, humanidade e sensibilidade em alta dose. A ideia de desenvolver o livro juntamente com as Copas FIFA é ótima, nos levando a sentir a alegria e a dor de cada uma delas. Não somente dos resultados, mas dos momentos de vida em cada uma, entremeados com a história do Brasil.

Já o entendimento político, diria somente que há controvérsias naturais, e que entendi o significado do título do livro como algo que chama para uma nova luta. Entendo, vendo por um ângulo um pouco diferente do seu, que o Estado de Bem-estar Social ficou mais distante, e o “B” do Brasil realmente diminuiu de tamanho. Há críticas pertinentes e aceitáveis à política dos últimos, digamos, quinze anos, mas a alteração de rumo sugerida e apoiada por muitos se distancia, a meu ver, deste modelo de Estado de Bem-Estar.

O pé na boca da nossa frágil e jovem democracia foi dado, cabe sabedoria aos derrotados, para virar o jogo sem que haja novo período de regime de exceção. Uma pena que em pleno 2019 vivamos um mundo ainda com fronteiras e barreiras. Um mundo moderno, tecnológico, porém comandado por valores ainda mesquinhos. São estas incansáveis expansões motivadas por acumulação de riqueza e poder, as causas de várias derrotas munda afora. Somos e fazemos parte da cultura de um país que não pode ousar ser protagonista, mesmo com toda sua força e riqueza. “Há mais coisas entre o céu e a terra.”

O seu livro é a sua cara e muito gostoso de ler. Suscita uma nova prática cidadã.

Na sutileza das suas palavras, estou certo de que esta obra seja essencial à juventude desta nação para construirmos um Brasil com um “B” grandioso.

Agradeço tamanha consideração de ter sido, dentre tantos queridos amigos, escolhido para ler seu livro em primeira mão.

Forte abraço!

Feliciano.

Carta ao leitor

Caro leitor, nasci nas Minas Gerais. Mais do que em Minas, nasci em Belo Horizonte, a terra da boa música – entre toda arte do povo –, do casario acolhedor da metrópole que vem atropelando seu traço.

Cresci acreditando nos valores dessas terras e dessa gente, valores certamente comungados com tantos outros lugares do Brasil – liberdade e justiça. Mais do que liberdade, respeito à liberdade. Mais do que justiça, justiça social.

São cinquenta anos de uma vida que é boa. Não posso me queixar, pessoalmente, do que o acaso reservou para mim. Quanto ao país, uma certa angústia me rodeia.

Fico a imaginar se outros tantos brasileiros que, como eu, viveram dos anos setenta até os dias de hoje, também sofrem com um sentimento de orfandade. Parece-me que a pátria-mãe Brasil vem nos escapando por entre os dedos.

Vivi parte da infância e da adolescência na Praça Sete de Setembro, centro comercial, financeiro e político de Belo Horizonte. Eram os anos 80. A agitação do tempo e da complexa vizinhança do centro da cidade despertaram uma veia sociológica em meu olhar. A convivência com minha irmã Ana, dois anos mais velha, e com seus amigos cheios de opinião, muitos deles do icônico e boêmio bairro de Santa Tereza, fez surgir um discurso crítico precoce em meu pensamento.

Em tribo distinta à dos amigos pensadores do bairro de Santa Tereza, outros amigos, vizinhos desse multicultural bairro Centro, traziam suas cabeças tranquilas, parecendo-me, até vazias demais, provocando-me um quê de tristeza. Sentia que a vista do horizonte, tão necessária para um adolescente, e os planos para o futuro pareciam lhes faltar.

Chegava a época dos hormônios. Ainda que em um poço raso, a trupe de opinião me levou à militância política. Um tanto mais jovem do que a maioria no meio, instigava-me com a América Livre! A ideologia pura, doutrinária e dogmática levava a discussões sectárias, polarizando o pensamento e as pessoas. A ilusória esquerda que restaria em assombrações endurecedoras e realísticas.

Estudei em escolas públicas. Escola Estadual Berenice Martins Prates, Pandiá Calógeras, IMACO, CEFET e UFMG, onde encontrei-me com a ciência e com a governança pública do ensino brasileiro. O sangue vermelho nas veias levou-me à executiva do DA-ICB (Diretório Acadêmico do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG), do DAMP (Diretório Acadêmico Mendes Pimentel da Faculdade de Odontologia da UFMG) e, finalmente, ao DCE-UFMG (Diretório Central dos Estudantes da UFMG). Mas o sangue não era tão puro, e medi certa distância do movimento estudantil brasileiro à época. Graduei-me no tempo certo.

Uma mistura de sorte, com tudo o que dizem levar a ela, me trouxe conforto e prazer nestes mais de 25 anos como dentista. Em um cenário econômico, nacional e internacional um tanto instável, muito necessária é a sorte enquanto sinônimo de persistência. Nesse tempo, integrei algumas empresas do setor e convivi com amigos empreendedores, profissionais liberais e executivos de diversas áreas. Vivenciamos os desafios de se manter uma atividade empresarial ou laboral no Brasil.

Ah! Brasil. Quando eu estava aprendendo a escrever em letra cursiva, sempre saía um “bezão” ao escrever a palavra Brasil. Brasil, um nome próprio. Como tal, deveria mesmo ter a inicial maiúscula. Mas o B do Brasil, esse, sempre saía “maiorzão”. Recordo-me de guardar certa consciência sobre a propaganda patriótica nas escolas públicas à época. Mas, ainda assim, é certo que vinha mesmo de dentro o tamanho do **B**, sempre maior do que as outras maiúsculas. O “bezão” de **Brasil** vinha da alma.

E a vida veio vindo. Nisso, é mesmo preciso ter a tal da sorte. Você precisa ser salvo dos perigos do caminho. A minha sorte grande um dia apareceu, tinha olhos verdes e cabelos encaracolados. Sara me salvou várias vezes. Juntos, aprendemos por aí há muitos anos, cruzando fronteiras e ampliando o horizonte de compreensão dos parâmetros aceitos nas relações político-sociais, um pouco além dos limites do “bezão”. Por aqui, o **B** vem diminuindo muito de tamanho, parece minúsculo no tamanho e na grafia.

A sociedade brasileira padece sobre o veio de ouro, como que sem referências, e o povo parece perdido. Nessa vacância de horizonte social, ou, pior, na escuridão que enuvia o céu, restam-me estas letras aqui grafadas, com as quais me dispo para tentar me reencontrar comigo mesmo, antes de reaver a nação.

Convido-o a rememorar a cidade de Belo Horizonte, recheando com referências populares, viajando a cada quatro anos, de eleição em eleição e de Copa em Copa, pela história do país do futebol, e a viver a história de um brasileiro qualquer. Brasileiro que, aos quarenta e tantos do primeiro tempo de vida, presenciou a redemocratização do país, o crescimento econômico, e assiste à degradação moral das instituições republicanas. A agonia da nação.

Uma personagem que vê a história de sua vida entremeada pela história de seu país e percebe que elas não se dissociam. Que entende que o caráter se forma sim no berço, mas também nas ruas. Que compreende que esse é também o caráter da sua nação, e que não se permitirá um dedo na cara.

Se o país agoniza, aqui encontra-se o grito. Mas não o grito da morte, e sim o primeiro choro que ouviste do teu filho. É a vida que se arrebenta. É a vida que se cuida.

Que venham a ser um só: homem, mulher, criança, nação. Mudando a arquitetura, demolindo os muros e as paredes, não mais necessários, princípios únicos dentro e fora de casa. Suscitando a responsabilidade sobre seu país, instituições, ruas, prédios e verdes que cada um deve cuidar, no minimalismo diário.

Descendo neste porão, vamos dividir as histórias da infância, as rodas de violão da adolescência, as voltas a pé para casa das baladas noturnas, as calouradas da Universidade, as gotas de chuva tomadas na cara, empunhando as bandeiras da juventude. Sonhos de criança prometidos em verde e amarelo, instigados em vermelho, e desvendados em abuso daquele país outrora do futuro, que ora balbucia seu resgate.

O amálgama social molda o caráter, permitindo, entretanto, escolhas. Fiz as minhas. Mas não sem trilhar o caminho do mundo real. O aprendizado pela experimentação, passando por erros e acertos, tropeços e vitórias. Virtudes e desvirtudes da dimensão humana e, portanto, escolhas viscerais. Em qualquer sociedade, dois verbos que não aceitam conjugação em outro tempo, senão o presente: aprender e vigiar.

Ao revisitar estas memórias, me refaço da certeza e da coragem da infância, de seus valores puros, lapidados e, de novo, acreditados. É tempo de praticá-los.

“Há tempo para plantar e tempo para colher” parece-me significar: é sempre tempo para agir.

Com enorme respeito e carinho por cada pessoa presente nesta história, trago o convite a **UM PÉ NA BOCA**. Esperança na forma de atitude.

Nasci em Belo Horizonte nas Minas Gerais, a terra da boa música — dentre toda arte do povo —, do casario acolhedor da metrópole que vem atropelando seu traço.

Cresci acreditando nos valores dessa gente — mais do que liberdade, *respeito à liberdade*, mais do que justiça, *justiça social*.

Quando estava aprendendo a escrever, saía um bezão ao escrever *Brasil*. Um nome próprio que deveria ter a inicial maiúscula. Mas o “*B*” saía maiorzão, vinha da alma. Agora, um sentimento de orfandade me rodeia. Parece-me que a pátria mãe vem nos escapando por entre os dedos e o “*B*” vem diminuindo muito. A sociedade padece sobre o veio de ouro e o povo sem referências.

Dispo-me com estas letras para me reencontrar, antes de reaver a nação.

Em meio a choros e risos, casos e causos, convido-o a *UM PÉ NA BOCA* — esperança na forma atitude.

Eu só peço a Deus, que os canalhas não nos sejam indiferentes.

GRUPO
D'PLÁCIDO



Rodapé